

RESSIGNIFICAÇÕES DE LETRAMENTOS DE STREET À ROJO: UM PERCURSO DO FINAL DO SÉCULO XX AOS DIAS HODIERNOS

REFRAMING LITERACIES FROM STREET TO ROJO: A JOURNEY FROM THE END OF THE 20TH CENTURY TO THE PRESENT DAY

DOI 10.5281/zenodo.13376805

Diego Durães Ferreira¹

RESUMO

No contexto hodierno, falar sobre letramento relaciona-se ao processo de construção desde a inserção do termo no Brasil, em meados da década de 1980, até os dias de hoje, com suas conexões com Tecnologias da Informação e Comunicação bem como variedades de sentidos e significados. Isso porque, desde sua chegada, perpassando por um entremeio até hoje, o ensino de língua portuguesa, alimentado pelos estudos do letramento, vem buscando, cada vez mais, levar para a sala de aula um estudo da língua que se envolva com práticas essencialmente sociais. Por esse motivo, as aulas, sobretudo nos momentos de prática de produção de gêneros variados, têm a finalidade de construir um sujeito capaz de se inserir nas inúmeras e inesgotáveis possibilidades sociocomunicativas. Entretanto, as escolas brasileiras carecem, em grande parte, de vivências que se fundamentem no que o letramento discute e urge como essencial para o desenvolvimento de ensino da língua. Nesse viés, este trabalho consiste em estudo bibliográfico cujos objetivos são refletir sobre contribuições de autores, a partir do método de análise de teorias, que nos últimos anos discutiram o que vem a ser letramento e reconhecer como práticas para aulas de língua portuguesa reconhecem o letramento como potencializador para formação de um cidadão mais conectado à sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Língua; Produção de texto

ABSTRACT

In today's context, talking about literacy is related to the construction process since the insertion of the term in Brazil, in the mid-1980s, to the present day, with its connections with Information and Communication Technologies as well as varieties of meanings and Meanings. This is because, since its arrival, going through an in-between until today, the teaching of the Portuguese language, fueled by literacy studies, has increasingly sought to bring to the classroom a study of the language that involves essentially social practices. . For this reason, classes, especially in moments of practical production of varied genres, aim to build a subject capable of inserting himself into the countless and inexhaustible socio-communicative possibilities. However, Brazilian schools largely lack experiences that are based on what literacy discusses and urges as essential for the development of language teaching. In this sense, this work consists of a bibliographic study whose objectives are to reflect on the contributions of authors, based on the method of analyzing theories, who in recent years have discussed what literacy is and recognize how practices for Portuguese language classes recognize literacy as an enabler for the formation of a citizen more connected to society.

Keywords: Literacy; Language; text production

¹ Mestrando pelo programa PROFLetras – UFMS, graduado em Letras, professor da Educação Básica do Estado de São Paulo. E-mail: diegoduraes0902@gmail.com

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

As práticas de ensino presentes nas aulas de língua portuguesa carregam muitas reflexões e necessitam de um olhar especial para o enfrentamento das problemáticas ligadas a elas nos diversos contextos escolares. Destaca-se, em especial, a percepção e os reflexos das teorias acerca do letramento, desde sua chegada ao Brasil até suas transformações para os dias de hoje. Isso porque, dada a sua importância como instrumento científico para um ensino de língua portuguesa na construção de um sujeito capaz de se inserir em contextos sociais de usos diversos, conforme seus anseios, formando seu comportamento linguístico adequado para o cenário.

Nesse ínterim, os estudantes pouco compreendem sobre as relações de práticas de usos da língua com a sua própria realidade. Isso se dá, como cita Passareli (2012, p.47), devido às avaliações e “aulas restritas à identificação de modalidades textuais, à incorporação de modelos de autores consagrados e à solicitação de escrita baseando-se em tais exemplos”. Além disso, com a inserção do eixo de ensino de produção de texto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018), urge reconfigurar as práticas que se distanciam das habilidades que materializam esse tópico e o que consideraremos letramento, foco deste trabalho, para que se busque levar os estudantes à compreensão sobre os usos da língua.

No percurso assim dito, o conceito de letramento será base fundamental para reconhecer como as ações em sala de aula terão mais sentido, a partir do momento que se oferte aos estudantes o contato com sua realidade, de modo que concentrem novas inserções em cenários reais do uso da língua. Por isso, trataremos uma análise de três vertentes do letramento e reflexões sobre sua presença na sala de aula, na educação básica.

De início, verifica-se como aponta Street (2014, p. 29) “o distanciamento entre língua e sujeitos – a maneira como a língua é tratada [...] distanciada tanto do professor quanto do aluno e impondo sobre eles regras e exigências externas”. Nesse ínterim, a falta de práticas significativas implica na construção de indivíduos que encontrarão empecilhos no envolvimento com contextos comunicativos, das mais diferentes esferas, não se sentindo capazes de se envolver em interlocuções desejáveis.

Diante disso, o problema levantado é como reconhecer a evolução dos estudos e materiais sobre letramentos e seus impactos na sala de aula, com vieses para instrumentalização de oportunidades de construções diversas para os estudantes, independentemente de suas características e participação nas cenas de usos linguísticos, promovendo esse encontro na

escola que é o espaço privilegiado para todas as camadas sociais e que atua na redução das desigualdades e exclusão de intolerâncias.

Frente a esse problema, este trabalho consiste em estudo bibliográfico cujo objetivo é refletir sobre contribuições de autores, a partir do método de análise de teorias, que nos últimos anos discutiram o que vem a ser letramento e sobre práticas para aulas de língua portuguesa que reconhecem o letramento como potencializador para formação de um cidadão mais conectado à sociedade.

Na maior parte do desenvolvimento deste trabalho, a língua em sua modalidade escrita terá evidência, visto que seu prestígio e envolvimento mais presente nos usos linguísticos que o sujeito se insere e busca ser inserido. Porém, ao se tratar de letramento, não há como excluir a oralidade, pois o letramento também se faz presente nessa modalidade.

A abordagem do trabalho é qualitativa com procedimentos bibliográficos. Esse percurso envolverá um contato mais direto com teorias, sobretudo com Bakhtin (2016) para retomarmos o conceito de linguagem, texto e discurso, Volochínov(2013) reforçando os ideais bakhtinianos sobre língua, Fayol (2015) e as descobertas da escrita de Soares (2021) com a relação entre letramento e alfabetização, Street (2014) com a inserção do termo e Rojo (2012) com tantas transformações na temática principal desta produção e que hoje apresenta um delineamento prático do que se busca como um trabalho na sala de aula que oportunize aos estudantes um engajamento nos usos da língua.

2 LINGUAGEM E LETRAMENTO

De modo geral, quando questionados sobre o ensino de língua portuguesa, com foco na produção de texto dos alunos, os professores de língua portuguesa naturalmente respondem que a produção é importante para melhorar a escrita. Resposta ligeira e com aspecto certo, mas será que é realmente por esse motivo que as práticas escritas descontextualizadas e distantes das realidades dos estudantes se fazem tão presentes nas salas de aulas?

Sob o viés interacionista, é válido retomar que Bakhtin (2016, p.16) reconhece que dentro das relações sociais “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Desse modo, as práticas em sala de aula, sobretudo no ensino da língua, devem pautar por essa descoberta, ou seja, o ensino de língua, por meio de contextos e usos da linguagem, deve oportunizar ao aprendiz um contato significativo com situações comunicativas.

Ainda nessa linha de raciocínio, o autor afirma que

A riqueza humana e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (Bakhtin, 2016, p.23).

Diante dessa consideração, reafirma-se o que o teórico e a reflexão supracitada demandam e que potencializam as carências do ensino de língua nas práticas das salas de aula, nas escolas brasileiras. Isso é incitado, visto que, ao se propor o trabalho com produções textuais, deve-se ter alimento teórico sobre letramento que parta dessa linha, pois não seria possível considerar uma produção que não tenha como meio o processo de interação.

Ainda, ao abordar o termo texto, é necessário retomar o que Bakhtin (2016, p.55) explica: “o texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) [...] se concebe o texto no sentido amplo como qualquer conjunto de signos”. Nesse ponto, alinha-se o encontro entre linguagem e texto e suas materialidades numa produção que efetivamente seja social.

No que cerne à realização da linguagem em texto, Bakhtin (2016, p.57) aponta que “todo texto tem um sujeito, um autor. Os possíveis tipos, análises, modalidades e formas de autoria”. Ou seja, é na manifestação da linguagem, numa diversidade de possibilidades, que o texto se concretiza. Ademais, é por meio dos interesses do indivíduo e dos recursos disponíveis no campo do conhecimento que se concretizam os materiais linguísticos.

Nesse percurso, entrando no campo de uso da escrita, é importante ressaltar ainda o que Fayol (2015, p. 12) diz sobre a produção escrita e sua relação com a interatividade, pois “permite ao emissor regular sua mensagem, ajustar sua forma e seu conteúdo em função das reações imediatas do interlocutor”. Dessa forma, o letramento torna possível modular o comportamento frente ao uso da linguagem, selecionando instrumentos, recursos e conhecimentos para que se efetive suas proposições. Todo esse processo é envolto pela situação que disponibiliza aos interlocutores elementos para se constituir como sujeitos linguísticos.

Nesse ínterim, é possível notar como as construções linguísticas, numa concepção interacionista da linguagem, restaura o falante/escritor de modo a fazer o uso vivo da língua, cumprindo seu papel de conexão entre os interlocutores, conforme Volochínov atesta:

[...] A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. [...] a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações

(Volochínov, 2013, p. 157-158).

Assim, sem a real presença da interação, não é possível que o estudante consiga avaliar suas construções e usos, nem muito menos, refletir sobre suas escolhas e necessidades para sua inserção numa situação real. Isso resulta em fragilidades quando o estudante se depara ou considera apenas um formato de texto padronizado ou uso da língua apenas no seu contexto formal, como por exemplo textos argumentativos ou em momentos de se posicionar criticamente.

Essa consequência advém de construções que não se fazem alinhadas ao uso significativo de práticas sociais, isso porque, o intenso trabalho com produções escritas de registros poucos utilizados na vida cotidiana ou dentro de estruturas de interação próprias da vida, não demonstra se fazer vivo no que se usa fora do espaço escolar. Isto é, a escola alimenta os estudantes, nas práticas de produções textuais, de conhecimentos escolarizados distantes do que se existe fora dela. Dessa forma, o indivíduo não se torna capaz, nem preparado, na maioria das práticas de utilização linguística, de reconhecer o potencial da linguagem e das faces da língua.

Nesse viés, articula-se a essa discussão a construção de um sujeito que se forma socialmente preparado para se comportar linguisticamente de acordo com as exigências convencionadas para alcançar seus desejos e vontades que podem ser conquistadas por meio da linguagem. Sendo assim, é nesse bojo que o trabalho com as teorias do letramento se faz necessário: ele vem para se fazer presente nas práticas que promovam e oportunizem aos estudantes essa reflexão constante de materializações da língua, em diversas esferas da comunicação, a depender de todo o enredo que se faz envolto.

Desse modo, a prática da produção de textos não serve apenas, nem principalmente, para melhorar a escrita, mas também para ampliar seus repertórios de modo que sejam capazes de se fazer compreender e compreender o outro, como também conquistar o que desejar, em diversos contextos comunicativos, valendo-se de seus posicionamentos críticos e suas escolhas para a constituição de suas abordagens. É nesse ponto que o letramento se faz vivo: o sujeito se constitui de repertórios que poderão ser ativados quando julgar necessário. Isto é, o sujeito, dentro de suas bagagens, torna-se capaz de selecionar elementos para executar sua interlocução.

Sob o aspecto da aprendizagem da língua, a partir do trabalho de Street (2014, p. 27), a inserção do termo letramento passou a fazer parte dos estudos das ciências da linguagem. O teórico iniciou uma reflexão que não parte da alfabetização para estudar letramento. Isso porque, o autor defende que os estudos acerca do letramento devem buscar os efeitos nos

diferentes grupos socioculturais, ou seja, ultrapassam os estudos da alfabetização, ao buscar as implicações no que tange a sociedade em suas práticas linguísticas.

Nesse viés, em contrapartida, é importante salientar o que Soares (2003, p. 45) aponta “a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos” e que “são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos”. Dessa forma, podemos considerar que o trabalho com a aquisição do ato de ler e escrever deve se desenvolver dentro do campo do letramento, numa espécie de conjunto, para que se oportunize às crianças a sua inserção Soares (2003, p. 47) “em eventos variados de leitura e escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita”.

Ainda nessa visão, o autor esforça-se para propor que os trabalhos desenvolvidos acerca do tema não busquem apenas respostas para o ato de ler e escrever, mas também sustentar o poder que o tema tem em relação aos comportamentos linguísticos desenvolvidos pelos sujeitos, nas diversas esferas e situações de usos.

Dentro dessa observação, Street (2014, p. 48) apresenta dois modelos de letramentos: “modelo autônomo” e “modelo ideológico”. O primeiro diz respeito à valorização da leitura e da escrita como elementos para desenvolvimento de uma nação, nos níveis civilizatórios e sociais; o segundo, à caracterização dos sujeitos frente aos contextos, ou seja, o indivíduo se comporta conforme a situação que está envolvido. Essas duas considerações permitem reconhecer que, embora distintos, se interligam na formação do sujeito como desfrutador da linguagem.

No início dos anos de 1980, a presença do letramento deu-se em diferentes espaços e contextos, mas com o mesmo intuito de Soares (2021, p. 68) “reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”. Além desse fito, a mesma década oportunizou novos estudos no campo do letramento, visto que as avaliações poderiam, além de medir os níveis de proficiência em leitura e escrita com base na capacidade de saber ler e escrever, reconhecer as diversas práticas sociais de usos da leitura e da escrita.

No que tange ao início da presença do letramento em ambientes de estudos e pesquisas, é possível perceber que esse movimento se deu por diferentes caminhos e relações. Com tantas diversidades na definição e nas abordagens por diferentes culturas, utilizaremos aqui o conceito que Soares traz:

Letramento é a palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da

educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. (Soares, 2021, p.43)

No que cerne à relação entre letramento e alfabetização, é possível perceber que o termo em destaque neste trabalho vem para repor lacunas que não compreendem reconhecer o que vai além do ato de ler e escrever. Isso porque, o sujeito envolvido às práticas sociais, vale-se de muitos outros fatores para se envolver com as situações enunciativas, dentro de grupos que se apropriam de sistemas compartilhados, seja com a escrita ou com a oralidade.

É necessário retomar a distinção entre letramento e alfabetização, visto que são termos comumente considerados como sinônimos. Para isso, Soares (2021, p. 21) aponta que o termo letramento passou a caminhar junto de alfabetização justamente para ampliar a distinção, já que alfabetização é “aquisição da tecnologia do ler e do escrever”, enquanto letramento é “inserção nas práticas sociais de leitura e escrita”. Ou seja, para o letramento é essencial também a existência da alfabetização e para que a alfabetização se faça cumprir como elemento também necessário para uma sociedade é que se faz existir o letramento.

Ainda nesse viés, Soares (2020, p. 69) ilustra como as práticas sociais fazem parte de diferentes contextos com “diferentes valores e comportamentos de interação” o que se concretiza a existência do que abordamos como letramento. Nessa consideração, podemos ainda considerar, o que também resultou do processo de estudos e pesquisas na área do letramento, a existência de múltiplos letramentos ou melhor nomeando “multiletramentos”. Isso porque, ainda como aponta a mesma autora

Letramento tem assumido também um sentido plural porque o conceito é ampliado para designar diferentes sistemas de representação, não só o sistema linguístico: letramento digital, letramento musical, letramento matemático, letramento científico, letramento geográfico etc. (Soares, 2020, p. 71)

Nessa observação, entende-se que os olhares sob os letramentos para a articulação com a prática não correspondem ao viés singular, visto que a própria essência do letramento são múltiplas práticas. Isto é, com o advento dos estudos e também de movimentos nas práticas de sala de aula, o letramento foi ganhando desdobramentos, tanto no campo das linguagens, quanto em outros territórios das áreas do conhecimento. Sendo assim, falaremos agora acerca

dos multiletramentos, que é um braço do letramento e que contempla os objetivos deste trabalho.

Quase no final do século passado, a necessidade de tratar o letramento numa dimensão plural, incentivou o Grupo de Nova Londres, um grupo de pesquisadores, após estudos e pesquisas, criar um manifesto intitulado *Pedagogy of Multiliteracies*. Nessa publicação, o desejo foi inserir, com a presença das TIC's, nas salas de aulas, num mundo globalizado, a grande variedade cultural, para novas construções e criações de significações para textos multimodais hodiernos, e também com Rojo (2013, p.16) “a pluralidade e a diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação”.

Ademais, a definição do termo implica em uma materialização múltipla de ferramentas que juntas formam significações para diversas composições textuais. Dentro dessa observação, ainda é válido considerar a presença dos multiletramentos como ferramenta para combate às intolerâncias e preconceitos advindos da ausência de conhecimento sobre diversidades culturais.

Na sala de aula, trabalhos com projetos que oportunizem ao alunado o contato com mídias, ferramentas virtuais, experiências dos diversos campos da linguagem verbal e não verbal, conexões com outras áreas do conhecimento e sobretudo uma relação social mais interativa, e dentro também do campo das tecnologias de informação e comunicação, é o exercício que faz existir os multiletramentos. Isso porque, é no contato com instrumentos diversos em busca de construções linguísticas que tornem possível o contato com o outro de maneira mais abrangente que torna essa teoria fundamental para o contexto hodierno.

Vale pontuar ainda que essa abordagem é instaurada na BNCC (Brasil, 2018). O documento rege, dentro dos objetivos de progressão da aprendizagem, “apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho” (Brasil, 2018, p. 474).

Diante disso, reconhece-se a importância de práticas que partam da teoria dos multiletramentos que concentram, concomitantemente, o trabalho social articulado às tecnologias, o que confere a evolução das concepções desse campo de estudo que esta pesquisa buscou desenvolver.

Nesse percurso, também é válido considerar que o trabalho com multiletramentos não se fixa ao uso somente de recursos midiáticos ou tecnológicos, isso porque, assim como diz Rojo, trabalhar com multiletramentos se

caracteriza como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho) (Rojó, 2013, p. 33).

Nessa consideração, é nítida a presença do letramento, assim como a leitura e a escrita, visto que, desde o início deste trabalho a ideia é reconhecer como as habilidades de leitura e escrita se articulam com o que prega o letramento. Ademais, ao possibilitar aos estudantes esse intercâmbio cultural, este será inserido também numa construção crítica e de posicionamento frente a realidades que o mundo enfrenta, buscando a transformação da sociedade.

Com o fito de propor reflexões acerca da temática deste trabalho, retomaremos as discussões com três questões norteadoras, para que o leitor possa ampliar os conhecimentos e não se limitar apenas aos elementos teóricos inseridos nesta produção.

1. Como a teoria dos multiletramentos pode contribuir na prática para o desenvolvimento da linguagem na escola?

O professor que oportuniza aos estudantes projetos, ações ou atividades que se envolvem com os multiletramentos abre caminhos para que o aprendiz incorpore experiências significativas que o preparem para outros contextos no campo da linguagem. Nesse sentido, articulando o que o campo de estudo do letramento propõe e o que o documento normativo da educação brasileira estabelece, a presença dos multiletramentos na escola contribui para que o professor leve aos estudantes o contato com produções envoltas a diversidades de recursos que são possíveis para uma construção linguística e textual e que, quando necessário, se ativará para atender às necessidades.

2. Quais estratégias podem ser empregadas para chegar ao desenvolvimento do letramento?

Para o trabalho com o letramento, o docente pode partir de temáticas diversas que busquem levar a presença da linguagem a situações que se relacionem com a vida cotidiana. Para isso, estratégias que simulem as possibilidades de uso podem demonstrar aos estudantes que comportamentos linguísticos serão eficazes naquele contexto. Ademais, a mediação do professor e também a abertura para que demais estudantes interfiram, é enriquecedor, visto que são infindas as situações que podemos nos inserir por meio da linguagem. Um espaço para reflexões sobre as situações de uso, nas modalidades linguísticas, como também análises de

falas e discursos, podem ser estratégias potencializadoras para o desenvolvimento do letramento. Um debate-regrado seria uma atividade que abrange ações válidas para o trabalho com o letramento.

3. O que é preciso para a realização de um trabalho com multiletramentos?

Além dos procedimentos estabelecidos culturalmente pelo campo da educação, para realizar um trabalho de qualidade com os multiletramentos é essencial traçar um percurso que envolva leitura, estudo de texto, análise linguística, produção de textos orais e escritos, uso de ferramentas virtuais, socializações e avaliação. Ademais, reconhecer a diversidade dos multiletramentos e suas possibilidades leva aos estudantes o quanto a linguagem é completa de recursos e elementos que podem ser utilizados nas diversas cenas da vida. Para isso, incentivar a pesquisa para ampliação de repertórios em vista da defesa de um ponto de vista é uma ação que promove o letramento, oportunizando o espaço para que o discurso seja apresentado e também conectado a outros, no processo de interlocução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos e reflexões apresentados acerca do percurso do letramento até os multiletramentos, é visível como a valorização da pluralidade cultural e sua presença em ações na sala de aula possibilitam a busca por um ensino de língua mais significativo e mais próximo das socializações. Isso porque, o processo de construção discursiva de um texto, tanto na teoria como numa proposta na prática, reconhece que os movimentos se constituem na formação de um repertório sociocultural, como também na elaboração de um texto, no que tange o processo de interação, alimentado pelo letramento.

Além disso, vale ressaltar que ao se trabalhar com essa abordagem em sala de aula, o professor deve lançar mão de uma prática que seja pensada, desde o público-alvo até a significância para a inserção social, dentro das escolhas feitas e possíveis alternativas. Nesse percurso, valida-se a importância deste tema para construção de um sujeito capaz de construir sua comunicação mais próxima de seus contextos e colocá-la em prática nas diversas situações de comunicação.

Ao propor o trabalho com os multiletramentos, é importante salientar que deve se levar em consideração um percurso que colabore para uma ampliação de repertório, o qual contribuirá para o desenvolvimento de produções discursivas, mas também estratégias para organizar o uso da língua e sobretudo, em situações comunicativas. Por isso, este texto propôs

que por meio de práticas mais voltadas ao cenário real será possível refletir sobre como o trabalho com os multiletramentos pode resultar em uma aprendizagem mais significativa, permitindo que a sala de aula contemple um desdobramento do que a sociedade lá fora usa e instaura nos diversos processos de construção de sentido e significações, seja no campo econômico, político ou social.

Por fim, este trabalho buscou, por meio da teoria e de reflexões sobre a ação em sala de aula, propor um percurso que revisite essa trilha – repertório, estratégias, práticas sociais e construção, valorizando as diversas possibilidades de escrita e trocas, a fim de que o estudante possa desenvolver habilidades discursivas que permitam sua inserção social, em diversos contextos e situações comunicativas e que o leitor, seja ele pesquisador ou não, possa compreender ou desenvolver práticas de ensino na abordagem do letramento. Para tanto, buscando respostas ao problema materializado na falta de valorização de repertório e na construção fragilizada de ensino da língua distante de um processo de letramento é o que os estudos desse campo propõe, em vieses que levem aos estudos linguísticos um olhar mais social para os trabalhos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, 2018.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

PASSARELLI, L.G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

ROJO, Roxane. H. R. **Pedagogia dos Multiletramentos**. Diversidade cultural e linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R. & MOURA, E. (Orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. H. R. **Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos**. In: ROJO, R. H. R. (Org) **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no**

desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução por João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

Recebido em: 09/10/2023

Aceito em: 10/12/2023